

Contributo de D. Rodrigues, professora do Ensino Secundário e Encarregada de Educação de dois alunos em idade escolar

Esta resposta abrange várias das questões colocadas e é uma reflexão sobre a escola que temos actualmente em Portugal e sobre possíveis formas de a adequar ao presente e ao futuro.

A escola do século XXI não pode estabelecer uma ruptura brusca com a escola do século XX, mesmo que consideremos que as suas práticas devem ser alteradas. Os professores são os mesmos (e insiste-se legalmente que continuem lá até à velhice); a gestão escolar assenta num modelo tradicional e é desempenhada por aqueles que cresceram, formaram-se e ensinaram ao longo da vida de acordo com esse modelo; a organização espacial da sala de aula também continua na mesma, com filas de mesas orientadas na direcção do professor, mesmo se comprovadamente existem outros *layouts* mais favoráveis à participação dos alunos... Também as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), cujo valor na educação de hoje e do futuro é amplamente reconhecido, não estão facilmente à disposição dos professores que a querem integrar na sua prática lectiva.

Em primeiro lugar, o tamanho actual das turmas (muitas com 28 / 30 alunos) é inimigo de uma prática pedagógica centrada nos interesses e necessidades de cada aluno, daí que o professor opte frequentemente pelo tipo de ensino tradicional, transmissivo, igual para todos. Na eventualidade de recorrer a outro tipo de prática, mais na esfera da aprendizagem pela descoberta ou com recurso às TIC, o professor assume-se como um aventureiro, não sabendo bem como se desenrolará a aula, sendo até provável que a aventura não se repita. Também o estender da escola à comunidade que a rodeia é uma prática arriscada para o professor, que sente cada vez mais uma enorme pressão sobre si próprio, sendo-lhe aplicadas pesadas sanções no caso de algo correr menos bem. De igual modo, e na mesma linha de evitar acidentes, retira-se do recreio os alunos, encurralando-os sempre que possível numa sala, devidamente acompanhados pelos professores que lhes ditam tarefas para estarem ocupados. Acontece com as aulas de substituição (quando algum professor não pode comparecer) e acontece no primeiro ciclo com actividades iguais para todos, cujo benefício maior é manter os alunos ocupados até às 17.30 h até que os pais os vão buscar à escola. Outra questão se levanta a este nível: será este tipo de educação de massas o que faz falta no século XXI? Não se deveria respeitar e incentivar a individualidade e a iniciativa de cada um procurar ocupar o seu tempo com actividades não curriculares segundo os seus interesses e aptidões? Será assim que se educa para o empreendedorismo?

Nesta lógica de manter os alunos ocupados dentro das salas de aula estamos também a inculcar-lhes a ideia de que estas actividades no interior são mais desejáveis do que a actividade física. Ou seja, por um lado, reconhece-se a gravidade do problema da obesidade, sustentada em grande parte pela insuficiente prática de exercício físico, por outro, a escola vê-se legalmente obrigada a manter as crianças e jovens o mais quietas possível. É um problema que se liga a outro: o insuficiente número de auxiliares da acção educativa na maioria das escolas.

Esta prática de “encerrar” os alunos em salas o dia todo, com actividade pré-programadas, elimina praticamente a hipótese de os jovens poderem discutir entre eles ideias próprias da sua idade, de aprenderem a negociar pontos de vista, de aprenderem a

conviver, que é, a meu ver, porventura a competência-chave mais importante. Embora não esteja entre as competências-chave proclamadas pela Comissão Europeia, creio que a competência da convivência é a base para a vida de todos os cidadãos. A comprovar isto tenho os meus filhos que insistem em ir para a escola bastante antes do início das aulas para aí conviverem com os seus pares. E devemos prestar atenção ao modo como as crianças e jovens de hoje ocupam os seus tempos livres: basicamente televisão, jogos de computador e *playstation*. Há quem afirme até que hoje as crianças não sabem brincar!... Longe vão os tempos em que nas famílias existiam mais filhos e mesmo assim as crianças e jovens eram autorizados a irem para a rua brincar e conviver, tempos que os adultos de hoje recordam como uma “escola de vida” muito importante e agradável. É certo que a insegurança dos nossos dias não permite que os pais atentos permitam que os seus filhos se encontrem na rua, fora da supervisão dos adultos. Mas não poderia a escola do século XXI colmatar um pouquinho essa falta, proporcionando aos alunos a oportunidade de pararem para conviverem, trocar ideias, estar juntos...?!

A competência nas línguas estrangeiras é extremamente valorizada no contexto europeu. Mas sê-lo-á mesmo? A minha experiência não me permite responder afirmativamente. Por exemplo, num dos anos do 3º ciclo de escolaridade os alunos têm aula de Língua Estrangeira I (geralmente o Inglês) uma única vez por semana (90 minutos). Poder-se-á contrapor que os alunos têm outras oportunidades de contacto com esta língua fora do contexto escolar... Mas que dizer dos alunos do Ensino Recorrente por Módulos, alunos adultos que são simultaneamente trabalhadores e estudantes e que fazem um grande esforço para ir às aulas e têm pouco tempo para trabalhar extra-aula?! Será suficiente estar 90 minutos numa sala de aula para aprender ou aperfeiçoar uma língua estrangeira?

Ainda no tocante às línguas estrangeiras, especialmente quando se chega ao Ensino Secundário, onde coexistem na mesma turma alunos com os mais diversos níveis de competência, seria desejável agrupá-los de acordo com competências semelhantes. Imagino já alguém a retorquir que é saudável a heterogeneidade, a ajuda dos mais competentes àqueles menos capazes, a escola inclusiva e integradora... A este respeito lembro-me sempre de um seminário a que assisti sobre a escola inclusiva, onde a oradora, uma reputada Professora e investigadora na área da educação, falava de um projecto que se desenrolou numa escola onde um número significativo de alunos apresentava graves carências sócio-económicas e afectivas. E o que foi feito para integrar estes alunos? Juntaram-nos numa turma, escolheu-se e orientou-se muito bem os professores que trabalhariam com eles. Professores que os iam buscar à prisão quando era necessário e se responsabilizavam por eles e cujo primeiro desafio foi fazer com que não não chegassem à primeira aula da manhã embriagados. Às vezes integrar que dizer reconhecer as diferenças e necessidades particulares que não podem ser satisfeitas numa turma enorme e com demasiada heterogeneidade.

Neste seguimento penso na “escola para todos”, que tem necessariamente de ser uma escola inclusiva, pressupondo coexistência de raças, de credos religiosos, de opções políticas, classes sociais e económicas diversas e também diferentes níveis de desenvolvimento intelectual. Contudo, sem esquecer esta meta desejável temos que reflectir na maneira de melhor integrar todos. Neste momento nos Estados Unidos da América discute-se o NCLB “No Child Left Behind” Act e receia-se as repercussões das “Gifted Chilfren Left Behind”.

E por último, temos os professores, pessoas que no meu dia-a-dia vejo trabalharem arduamente, muitas vezes em prejuízo próprio, para o bem dos seus alunos, para os ajudar a crescer como pessoas e na sabedoria. Há que investir nestes profissionais, valorizá-los socialmente e dar-lhes tempo e oportunidade de se aperfeiçoarem continuamente. Na verdade, mesmo que tudo o resto funcione na perfeição, não há grande futuro para a escola sem os professores!